

Mais algumas notas sobre ferramenta agrícola

Forcados e forquilhas

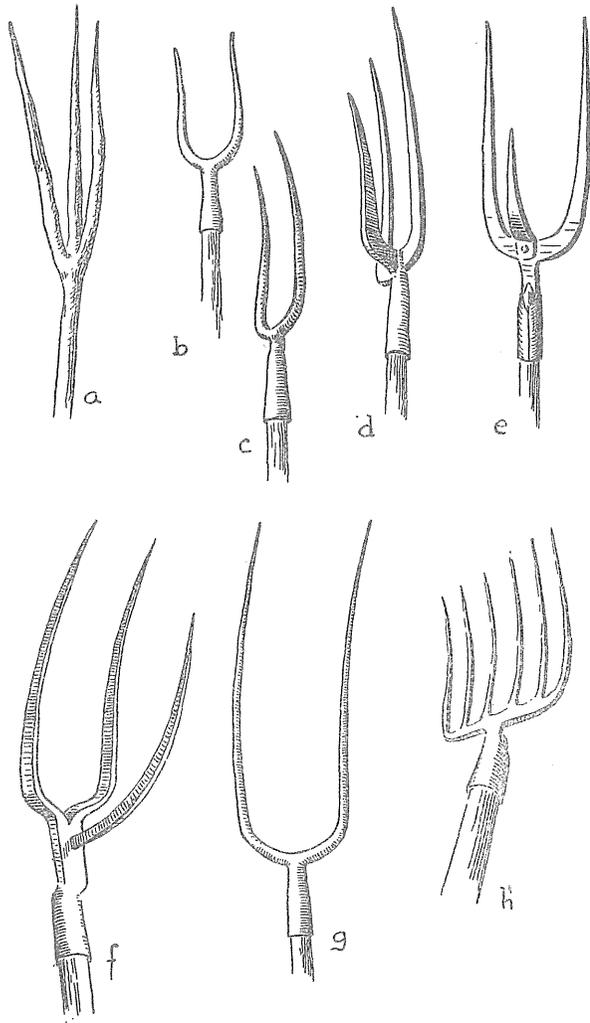
Forcados e forquilhas são instrumentos usados para carregar palha ou mato nos carros, fazer medas, separar nas eiras o grão das palhas, espalhar folhadas e estrumes etc., e consistem numa vara de madeira de 1,50 m a 1,70 m de comp., em cuja ponta há dois ou mais dentes de madeira ou ferro.

Os *forcados* mais simples não são mais que um galho delgado e direito de árvore, rematado por dois, três, ou mesmo quatro raminhos aguçados que servem de dentes (Des. 1-a). No Alentejo são mais vulgares os de dois dentes, enquanto que os de quatro aparecem com frequência pelo Norte transmontano. São usados mais ou menos por todo o país, e apenas em raros locais os feitos de ferro provocaram o seu total desaparecimento. O nome que lhes dão mais vulgarmente é o de *forcado* ou *forcada* e também *forcado de pau*, para o diferenciar do de ferro ⁽¹⁾. São usados para carregar os «molhos de pão», palhas, fenos e matos.

Para estes mesmos fins se emprega o utensílio de ferro de dois dentes encabado numa vara de madeira. Usado, como o anterior, por todo o país, ele foi já em algumas regiões, como no Alentejo, quase completamente substituído pela forquilha, de que falaremos adiante. Nas serras fronteiriças do Norte surgem forcados em que aos dois dentes bastante compridos (0,40 m) se opõe outro mais curto, para melhor prisão do material a agarrar (Des. 1-d, e, f). Em Monção existem deste género, com três dentes paralelos e um a opor-se-lhes. E em Montalegre aparecem com dois dentes apenas, muito compridos (0,60 m), encurvados lateralmente (Des. 1-g).

Pouco a pouco a *forquilha* vai substituindo o forcado. É um instrumento idêntico, com três a seis dentes muito delga-

⁽¹⁾ O termo *espalhadoura* emprega-se em Trás-os-Montes e em algumas zonas do Minho (*espalhadoura*, Vinhais; *espalhadeira*, Miranda, Vimioso; *espalhadouro*, Braga). Em Penela ouvimos *tornadoira*; e em Castelo Branco, *forquilha*.



Des. 1

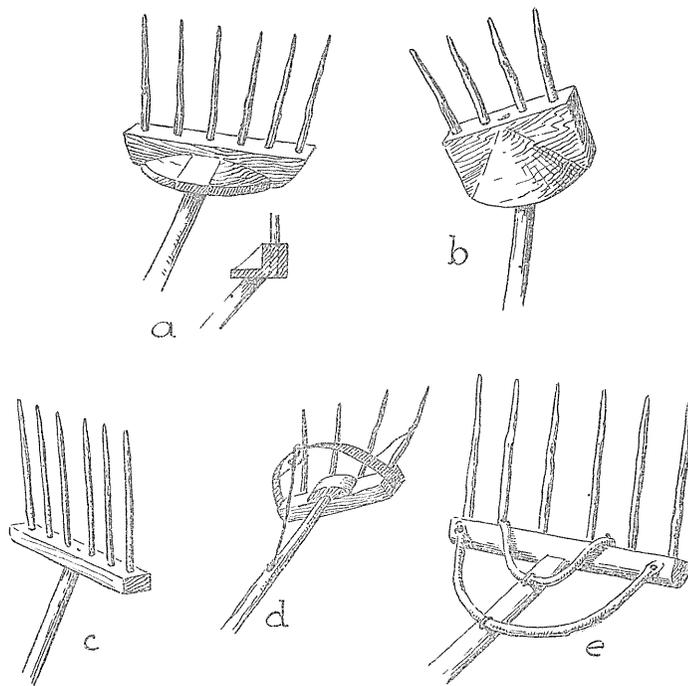
a — *Forcado*, de pau
 b — *Forcado*, Ferreira do Alentejo
 c — *Forcado*, Vila do Bispo
 d — *Forcanha*, Bouro

e — *Forcada*, Celorico de Basto
 f — *Forcada*, Boticas
 g — *Forcada*, Montalegre
 h — *Forquilha*

dos (Des. 1-h), fornecido geralmente pelas grandes oficinas metalúrgicas. Além dos usos já citados, serve também para espalhar

estrume nos campos. Encontra-se de norte e sul do país, quase sempre com o nome de *forquilha* (1).

A antiga *forquilha de pau* ou *forquilhão*, que se encontra no Alentejo e Algarve, é principalmente destinada ao trabalho das eiras. É com ela que, depois da debulha, separam o grão da



Des. 2

a — *Forquilhão*, Ferreira do Alentejo
b — *Forquilha de pau*, Vila do Bispo
c — *Balde*, Vila Viçosa

d — *Forquilhão*, improvisado para substituir
a forquilha, Beja
e — *Bendo das folhas*, Bragança

palha. É toda feita de madeira, com um cepo em que estão espetados os dentes (de zambujeiro ou oliveira) e o cabo, de modo a fazerem, este e aqueles, um ângulo bastante sensível (Des. 2-a, b). Pelo Alentejo têm geralmente mais dentes que no Algarve, onde as vemos com quatro apenas; forquilhas assim pequenas empre-

(1) Em Bragança ouvimos chamar-lhe *espalhadoura de arame*, e em Malhadas (Miranda) *bendo*. Por Ovar chamam-lhe *gadanho*.

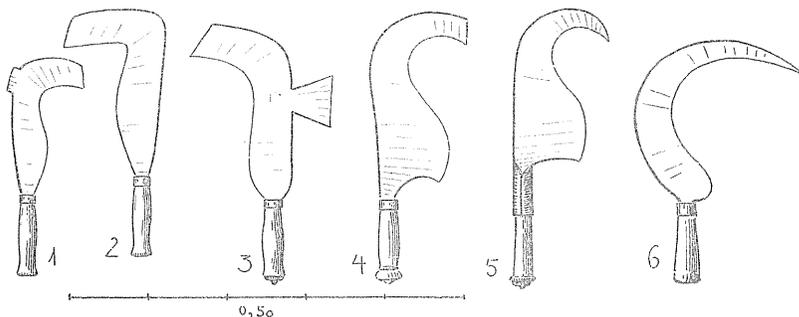
gam-se no Alentejo unicamente para espalhar as palhas nas eiras (*forquilhas pequenas*). Em Elvas, na limpeza do grão, usam mesmo duas espécies de forquilhas: uma, empunhada por homens em linha, os quais atiram para o ar a palha, que o vento leva; outra, com dentes mais cerrados, está nas mãos dum homem que torna a atirar o grão já *aventajado* pelos outros (1).

No lugar do cepo pode existir apenas uma travessa de madeira, semelhante à dos engaços de madeira; é o que acontece, por exemplo, no *balde* para as palhas, do desenho 2-c.

No Noroeste transmontano existe também um utensílio em que os planos do cabo e dos dentes fazem igualmente um ângulo apreciável. São os *bendos* empregados para carregar a folhada para as cortes, e conhecidos por isso por *bendos das folhas* (Des. 2-e).

Foices e roçadoiras

As foices ou são munidas de um cabo curto e empunhadas com uma só mão, ou trabalhadas com ambas as mãos e para isso encabadas em varas mais ou menos compridas.



Des. 3

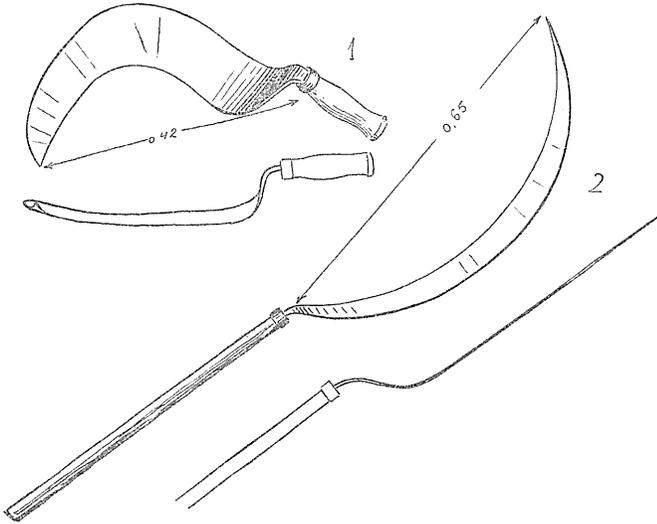
1 e 2 — Ermida (Régua)
3 — Moita (Alcobaca)
4 — Tecla (Celorico de Basto)

5 — Priscos (Braga)
6 — Dem (Caminha)

Foice de cabo curto — O seu nome mais vulgar é *fouce*; e também *podão* (ex. Leiria), *trinchete* (Gaia) e *quitelo* (ex. Celorico de Basto), ou *cutelo*.

(1) Silva Picão — *Através dos campos*. Lisboa, 1947, pág. 337.

É usada especialmente para podas e corte de ramos grossos, e para rachar lenha miúda. É por isso especialmente frequente no N.W. do país, onde as uveiras do enforcado exigem uma poda forte todos os anos, e as próprias vides pedem grossos cortes; faz aí parte da ferramenta diária do trabalhador rural, que a traz pendente do *gancho* preso ao cinto, sobre a anca. São feitas de uma lâmina de aço com uma parte larga, *peito*, prolongada pela *volta*, com um *encabadouro* para o *cabo* (1).



Des. 4

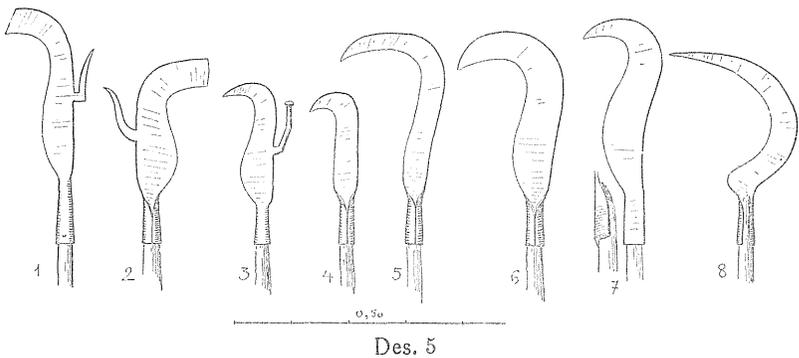
1 — *Foicinho*, Viana do Castelo2 — *Foição*, Gala (Figueira da Foz)

O desenho 3 mostra vários formatos de fouce, alguns guardados com um machado nas costas. A última, de Dem, usada para partir lenha, difere das outras; ela aproxima-se, pelo contrário, do *foicinho* da zona litoral ao norte de Viana do Castelo, e das margens dos rios Ancora, Coura e baixo Minho, empregado para roçar mato.

Este *foicinho* é uma peça interessante (Des. 4). Ao contrário do que acontece no resto do país, onde o mato é geralmente cortado com a enxada, por esta zona a norte de Viana essa operação faz-se quase sempre com aquele instrumento. A mulher —

(1) Nomenclatura colhida em Braga.

quase só há mulheres a trabalhar na lavoura — vai dobrando o mato com o pé e mão esquerdos, e cortando os caules assim expostas, junto ao chão, com golpes de foicinho. Por isso a mão e braço esquerdo são protegidos até ao cotovelo por uma *luva* grossa; o pé e a perna estão defendidos pela bota alta que ali faz parte da indumentária de trabalho. A mulher avança uns passos, cortando, e deixando o mato tombado para o lado; volta então para trás, dobrando-o sobre si e cortando sempre, até o deixar já empostado e pronto a carregar.



Des. 5

- | | |
|--------------------------------|--------------------------|
| 1 — Moita (Alcobaça) | 5 — Cimo do Alvem (Góis) |
| 2 — S. João do Campo (Coimbra) | 6 — Figueiró dos Vinhos |
| 3 — Pias (Cinfães) | 7 — Carrateira (Aljezur) |
| 4 — Cova da Lua (Bragança) | 8 — Verdemilho (Aveiro) |

O trabalho do foicinho é violento, mas muito mais rendoso que o da enxada. Levado frequentemente ao ferreiro para *cabrunhar*, é, depois de gasto, arranjado para segar serradela. A luva é um canudo de pano duro e fechado — dantes comprava-se para elas um pano especial, de burel; e aproveitam-se pedaços de velhos panos de lã, canos altos de botas fora de uso, ou sacos de linhagem.

Há alguns raros focinhos com embocaduras de ferro, onde metem um cabo de cerca de 60 cm e a que chamam *remangões*; são manobrados com as duas mãos, e utilizados sòmente para mato grosso e rijo.

Foice de cabo comprido — É conhecida vulgarmente por *roçadoura* ou *foice roçadoura*; e também sòmente *fouce* (e *foucisca* Gaia).

Serve para cortar mato, silvas, vegetação de bordas e socalcos, etc. Mostra muitas vezes a forma das foices de cabo

curto; sòmente, em lugar do machado, aparece um espigão com que erguem e mexem a ramagem cortada, ou que ajuda a *ensilvar* árvores de fruto ou muros, para evitar o roubo. Este espigão é direito ou curvo, e geralmente aguçado; vimos alguns embolados em Cinfães (Des. 5).

Em Aljezur, o alvado do cabo não é redondo, como habitualmente, mas facejado.

Em muitos casos (especialmente pelo Minho) usam foices velhas como roçaduras.

Terminamos com a referência ao instrumento utilizado no corte do junco no litoral de Aveiro e Coimbra, a que dão o nome de *foição* (Figueira da Foz) ou *junqueira* (Aveiro), e que de certo modo se aproxima do fouchinho de Viana, quando manobrado com ambas as mãos. Feito por ferreiros locais, a lâmina tem comprimentos que vão de 60 a 80 cm, e ora é quase plana como a do desenho 4, ora é enconcada como a duma gadanha. O comprimento dos cabos anda pelos 50 cm. O junco fornece, por estas zonas encharcadas do litoral, grande parte da matéria vegetal dos estrumes.

FERNANDO GALHANO

do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Assadas de batatas na areia

Na faixa arenosa da região costeira do centro do País, nas praias de Mira, Tocha, etc. encontramos o costume das «assadas» de batatas, ou sejam batatas assadas na areia aquecida pelo fogo. Para tal, as pessoas afastam a areia ligeiramente para os lados de modo a formar um círculo de um metro de diâmetro mais ou menos, conforme a quantidade de batatas que pretendem assar, e acendem, na baixa desse círculo, uma fogueira de lenha que arde durante cerca de uma hora; retiram então o braseiro para os lados — usando uma espécie de rodo, que é um simples pau com uma pequena tábua pregada na ponta — e fazem uma cova larga e muito pouco funda, onde se deitam as batatas com a casca, de modo a ficarem, tanto quanto possível, separadas umas das outras. Deixam-nas descobertas durante uns momentos ⁽¹⁾ e

(1) Para que as batatas «ressoem» ao ar livre e não fiquem «ressoadas» e portanto menos saborosas (a expressão que ouvimos foi: «deixa *mijar* as batatas», antes de as cobrir com areia).